

BECCA FITZPATRICK

crescendo

Tradução de Irene Ramalho

Prólogo

*Coldwater, Maine
Catorze meses antes*

As garras da figueira-do-inferno esgadanhavam o vidro da janela atrás de Harrison Grey e ele dobrou o canto superior da página que lia, incapaz de continuar a ler no meio de toda aquela algazarra. Uma furiosa ventania de Primavera arremetera contra a casa durante toda a noite, uivando sem parar e fazendo bater os taipais contra as ripas das paredes com um ribombar incessante. O calendário podia até indicar o começo de Março, mas Harrison sabia bem que a Primavera ainda vinha muito longe. Com o vendaval que se aproximava, não o espantaria nada descobrir pela manhã os campos gelados sob um imenso manto branco.

Para abafar o grito lancinante do vento, carregou num botão do controlo remoto, aumentando o volume da ária «Ombra mai fu», de Bononcini. A seguir colocou outra acha na lareira, interrogando-se, e não pela primeira vez, se teria comprado a casa da quinta, sabendo à partida quanto combustível era necessário para aquecer uma só divisão, já para não falar nas nove.

O telefone soou, estridente.

Harrison atendeu a meio do segundo toque, contando ouvir a voz da melhor amiga da sua filha, que tinha o irritante costume de telefonar a horas tardias na noite anterior ao prazo de entrega dos trabalhos de casa.

Chegou-lhe ao ouvido o som de alguém a arquejar e uma voz interrompeu os estalidos da electricidade estática:

– Temos de nos encontrar. Quanto tempo demoras a chegar cá?

A voz, um fantasma do passado, trespassou-o, deixando-o gelado até aos ossos. Há muito tempo que não ouvia aquela voz, e ouvi-la naquele momento só podia significar que algo corraera mal. Terrivelmente mal. Deu-se conta da sua postura rígida e de que o telefone que tinha na mão estava escorregadio de suor.

– Uma hora – respondeu ele, lacónico.

Lentamente, recolocou o aparelho no lugar. Fechou os olhos, evocando o passado a contragosto. Houvera um tempo, quinze anos atrás, em que ficava paralisado ao ouvir tocar o telefone, em que os segundos pareciam pulsar ao som de tambores enquanto esperava que a voz do outro lado da linha falasse. Com o passar do tempo, à medida que os anos se sucediam numa cadência tranquila, acabou por se convencer de que tinha escapado aos segredos do passado, de que era apenas um homem a viver uma vida normal ao lado de uma família maravilhosa. Um homem sem nada a temer.

Na cozinha, junto do lava-loiça, Harrison encheu um copo de água, que engoliu de um trago. Lá fora era noite cerrada, e da janela à sua frente o seu reflexo pálido devolvia-lhe o olhar. Fez um gesto de cabeça, como que a dizer a si próprio que tudo se resolveria, mas tinha os olhos carregados de mentiras.

Afrouxou o nó da gravata para aliviar a tensão interior que parecia repuxar-lhe a pele, e serviu-se de um segundo copo de água. O líquido agitava-se-lhe no estômago, provocando desconforto e ameaçando subir-lhe à garganta. Colocando o copo na bacia do lava-loiça, estendeu a mão para as chaves do carro em cima do aparador, hesitando por uns momentos como se fosse mudar de ideias.

Harrison encostou o carro à berma e desligou as luzes dos faróis. Ali, sentado no escuro, exalando ar em nuvens de vapor, estudou as decrepitas casas de tijolo daquela pouco recomendável zona de Portland. Há anos – quinze, para ser exacto – que não ia para aqueles lados. Tinha

a memória enferrujada, e não sabia bem se estaria no local certo. Abriu o porta-luvas e retirou de lá um pedaço de papel amarelecido pelo tempo. *Monroe, 1565*. Decidiu-se a sair do carro, mas o silêncio das ruas deixava-o pouco à vontade. Enfiou a mão por baixo do assento, de onde sacou uma Smith & Wesson carregada que entalou na cintura das calças, atrás das costas. Não disparava uma arma desde os tempos da universidade, e nunca o fizera fora de uma carreira de tiro. O único pensamento lúcido na sua cabeça latejante era a esperança de poder continuar a dizer o mesmo dali a uma hora.

Os passos de Harrison ecoavam no passeio deserto, mas ele ignorou o ruído ritmado, preferindo concentrar a atenção nas sombras lançadas pela lua prateada. Encolhendo-se ainda mais dentro do casaco, passou por exíguos pátios de terra batida, delimitados por cercas de rede metálica e contíguos a casas escuras, mergulhadas num silêncio arrepiante. Por duas vezes teve a impressão de estar a ser seguido, mas quando olhava para trás, não vislumbraava vivalma.

No número 1565 da Rua Monroe, abriu a cancela, entrou e dirigiu-se às traseiras da casa. Bateu à porta uma vez e avistou uma sombra a deslocar-se por trás das cortinas de renda.

A porta entreabriu-se.

– Sou eu – disse ele em voz baixa.

A porta abriu-se apenas o suficiente para lhe permitir a entrada.

– Foste seguido? – perguntou-lhe alguém.

– Não.

– Ela está em apuros.

O ritmo cardíaco de Harrison acelerou.

– Que tipo de apuros?

– Assim que completar dezasseis anos, ele virá reclamá-la. Tens de a levar para bem longe, para um sítio onde ele não a possa encontrar.

Harrison abanou a cabeça.

– Não percebo...

Foi interrompido por um olhar ameaçador.

– Quando fizemos o nosso acordo, avisei-te de que certas coisas não estariam ao alcance da tua compreensão. Dezasseis é uma idade amaldiçoada em... no meu mundo. É tudo o que precisas de saber – concluiu ele, bruscamente.

Os dois homens fitaram-se mutuamente, até que por fim Harrison anuiu, desconfiado.

– Vocês têm de desaparecer sem deixar rasto – disse-lhe o outro homem. – Para onde quer que forem, têm de recomeçar do zero. Ninguém pode saber que vieram do Maine. Ninguém. Ele nunca desistirá de a procurar. Entendeste bem?

– Entendi.

E a esposa, também entenderia? E Nora?

Os olhos de Harrison começavam a adaptar-se à penumbra. Incrédulo e curioso, reparou que o homem à sua frente parecia não ter envelhecido um só dia desde a última vez que o vira. Na verdade, não envelhecera um só dia desde os tempos da universidade, em que travaram conhecimento como colegas de quarto e em que rapidamente se tornaram amigos. Um truque das sombras?, perguntou-se Harrison. A que mais podia atribuir tal facto? Algo mudara, no entanto. Viu-lhe uma pequena cicatriz na base do pescoço. Um olhar mais atento à deformidade fê-lo estremecer. Era a marca lustrosa e saliente de uma queimadura, pouco maior que uma moeda, com a forma de um punho cerrado. Perplexo e consternado, constatou que o amigo fora marcado com um ferro em brasa. Como gado.

O amigo apercebeu-se da direcção do seu olhar e respondeu-lhe com um olhar duro, defensivo:

– Há gente que pretende destruir-me. Que pretende desmoralizar-me e desumanizar-me. Por isso, fundei uma sociedade com um amigo de confiança. Todos os dias iniciamos novos membros.

Interrompeu-se, como que receoso de já ter falado de mais, e depois rematou com rispidez:

– Formámos a sociedade para nossa protecção, e jurei-lhe lealdade. Se me conheces tão bem como outrora, sabes que farei tudo o que for necessário para proteger os meus interesses. – Após alguma hesitação acrescentou, com ar ausente: – Bem como o meu futuro.

– Marcaram-te com um ferro em brasa – disse Harrison, esperando que o amigo não detectasse a repulsa que o fazia estremecer.

O amigo limitou-se a devolver-lhe o olhar.

Após alguns instantes Harrison fez um aceno de cabeça indicando que compreendera, ainda que não o aceitasse. Quanto menos soubesse, melhor. O amigo já o deixara bem claro vezes sem conta.

– O que posso fazer para te ajudar?

– Só quero que a mantenha em segurança.

Harrison ajustou os óculos no topo do nariz e começou a dizer, um tanto embaraçado:

– Pensei que talvez gostasses de saber que cresceu forte e saudável. Chamámo-lhe Nor...

– Não quero que me lembres o nome dela – o amigo cortou-lhe a palavra com aspereza. – Fiz tudo ao meu alcance para o extirpar da memória. Não quero saber nada sobre ela. Quero eliminá-la por completo do meu pensamento, para que aquele animal não possa arrancar-me uma palavra.

Com isto virou-lhe as costas, e Harrison tomou o gesto como um sinal de que a conversa tinha terminado. Deteve-se um momento, com inúmeras perguntas na ponta da língua, mas ao mesmo tempo sabendo que nada de bom resultaria de pressionar o amigo. Abafando a necessidade de perceber aquele universo de trevas que a filha nada fizera para merecer, retirou-se.

Percorrera apenas meio quarteirão quando um disparo atroou os ares. Instintivamente, agachou-se e olhou para trás. O amigo. Ouviu um segundo tiro e, sem pensar, desatou a correr desalmadamente em direcção à casa. Empurrou a cancela e contornou o edifício pelo jardim lateral. Estava prestes a virar a última esquina quando o som de vozes a discutir o fez parar. Apesar do frio, transpirava. O pátio das traseiras estava amortalhado nas sombras. Avançou pé ante pé, cosido ao muro do jardim, evitando calcar pedras soltas que pudessem denunciá-lo, até avistar a porta das traseiras.

– É a tua última oportunidade – disse uma voz calma e melíflua que Harrison não reconheceu.

– Vai p'ró diabo! – cuspiu o amigo.

Soou um terceiro disparo. O amigo urrou de dor, e o agressor gritou-lhe:

– Onde está a miúda?

Com o coração a martelar-lhe no peito, Harrison sabia que tinha de agir. Mais cinco segundos e podia ser tarde de mais. Fez deslizar a mão por trás das costas e sacou da arma. Empunhando-a com ambas as mãos para firmar a pontaria, deslocou-se na direcção da porta, acercando-se

do atirador pelas costas. Via o amigo do outro lado, mas quando estabeleceram contacto visual, leu-lhe no rosto uma expressão de alarme.

Foge!

Harrison ouviu a ordem alto e bom som, e por uns instantes acreditou que tinha sido gritada a plenos pulmões. No entanto, verificando que o atirador não se espantara nem olhara em redor, percebeu, perplexo e arrepiado, que a voz do amigo lhe soara dentro da cabeça.

Não, respondeu-lhe ele mentalmente, abanando a cabeça em silêncio. A sua noção de lealdade superava o temor daquilo que o seu entendimento não alcançava. Aquele era o homem com quem passara quatro dos melhores anos da sua vida, o homem que o apresentara àquela que viria a ser a sua esposa. Não o deixaria ali às mãos de um assassino.

Apertou o gatilho. Ouviu o disparo ensurdecedor e esperou que o agressor tombasse. Disparou uma vez mais. E outra.

O estranho de cabelo escuro virou-se devagar. Pela primeira vez na vida, Harrison sentia-se verdadeiramente aterrorizado. Com medo do jovem à sua frente, de arma em punho. Com medo da morte. O que seria da sua família?

Sentiu as balas a trespassá-lo com um fogo devorador, capaz de desfazer em mil pedaços. Caiu de joelhos. Viu passar à sua frente o rosto da mulher, seguido do rosto da filha. Abriu a boca, com os nomes de ambas nos lábios, procurando encontrar uma forma de expressar o quanto as amava antes que fosse tarde de mais.

O estranho agarrou-o e arrastou-o para o beco das traseiras da casa. Enquanto se debatia, em vão, para recuperar o equilíbrio, Harrison ia perdendo os sentidos. A filha. Não podia deixá-la ficar mal. Não restaria ninguém para a proteger. Este estranho de cabelo negro acabaria por descobrir o seu paradeiro e, a acreditar nas palavras do amigo, matá-la-ia.

– Quem é você? – perguntou ele. Com estas palavras, sentiu o fogo a alastrar aos pulmões. Agarrou-se à esperança de que talvez ainda houvesse tempo. Talvez ainda pudesse avisar Nora do outro mundo – um mundo que a pouco e pouco se abatia sobre ele como uma chuva de plumas negras.

O jovem fitou-o durante uns instantes, até que o mais ténue dos sorrisos aflorou a sua expressão impenetrável.

– Enganas-te. O teu tempo acabou.

Harrison encarou-o, atónito. O assassino adivinhara-lhe os pensamentos, e não pôde deixar de se interrogar quantas vezes já não teria o jovem estado naquela mesma posição, adivinhando os derradeiros pensamentos de um moribundo. Não poucas, com certeza.

Como que para provar a sua larga experiência, o estranho apontou-lhe a pistola sem hesitação, e Harrison deu por si a fitar o cano da arma. O clarão do disparo foi a última imagem que viu.